

MEUS QUERIDOS
MONSTRINHOS

ZUMBI!

O TERRÍVEL ATAQUE DAS RÃS DO NEPAL

ANDRÉ VIANCO



ILUSTRAÇÕES
SANTOS



ROCCOJHIAN



MEUS QUERIDOS
MONSTRINHOS

ZUMBI

O TERRÍVEL ATAQUE DAS RÃS DO NEPAL



ANDRÉ VIANCO

ILUSTRAÇÕES
SANTOS

ROCCO EDITORA

Este livro é dedicado às três princesinhas
que tanto me inspiraram a contar histórias para crianças,
Giulia, Nathalia e Bruna.
Beijos do papai



Sumário

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Leia também
Créditos
O autor
O ilustrador



AQUELA manhã tinha começado igual a todas as outras, aos berros! É isso mesmo, a primeira coisa que eu escuto todo dia são os gritos da minha mãe, que vão entrando pelos meus ouvidos, me arrancando do mundo dos sonhos.

Quando eu demoro um pouquinho, ficando de olhos fechados curtindo o soninho, lá vem ela com seus dedos pontudos me cutucando e fazendo cosquinhas. Daí não tem mais jeito, o negócio é levantar e rastejar que nem zumbi até o banheiro para escovar os dentes e depois escorregar para dentro do uniforme e ir tomar café da manhã.

Mas antes de continuar esta história, deixa eu me apresentar: meu nome é Pedro, tenho oito anos, e esta é uma das muitas aventuras que acontecem comigo todos os dias. Adoro brincar com meus amigos, ver TV até tarde e jogar meus games até capotar.

Eu também gosto da Bia, mas isso já é outro assunto, e é um assunto secreto.







SE você acha que quando estou dormindo a aventura acaba, está muito enganado, porque tenho um sonho maneiro atrás do outro! Neles eu posso ser astronauta ou escoteiro, como meu amigo Rafael. Posso ser vaqueiro ou caçador de tesouro, como meus heróis favoritos.

Nos sonhos posso ser quem eu quiser, o que é muito mais legal do que quando estou acordado e tenho que ser o que meus pais querem e fazer o que eles mandam. Esse negócio de só fazer o que os adultos querem é muito chato.

Queria um dia acordar e já ser adulto e não ter mais que ir à escola, não ter mais lição de casa nem provas, mas meus pais vivem falando o quanto é importante aprender. Dizem para eu nunca desistir e me esforçar bastante e que, se eu escutar seus conselhos, vou realizar todos os meus sonhos.

Pensando bem, talvez eles até tenham razão. O lance agora é ir para a escola.

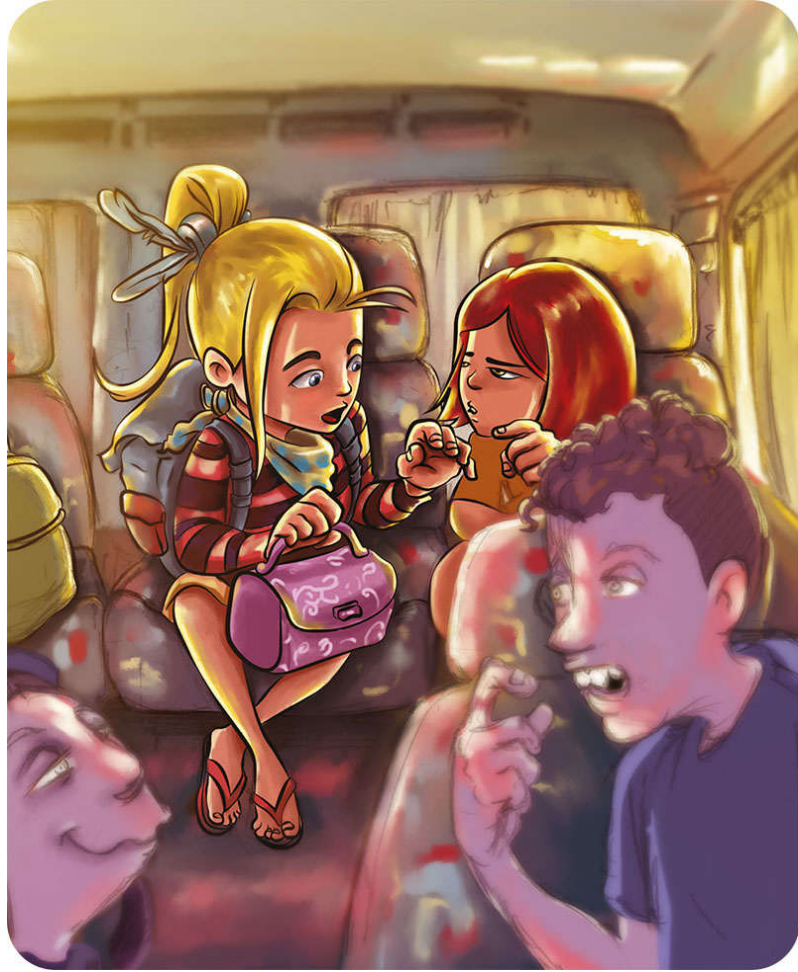




ÀS vezes fico pensando: podiam dar aulas à noite para as crianças. Daí eu não acordaria assim, parecendo um zumbi, andando devagar até a cozinha para tomar café e descer capengando até entrar no ônibus da escola.

Por falar em ônibus da escola, é lá que eu me animo. Encontro com quase toda a turma e também com ela, a menina mais linda do colégio, que, para minha sorte, estuda na minha sala e é minha melhor amiga. A Beatriz, que todo mundo chama de Bia. Lembra dela?

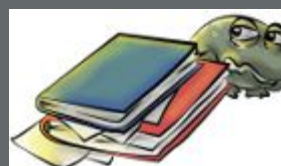
Acho que eu posso confiar em você, então vou te contar: o tal do segredo que eu tenho com a Bia é que ela é a minha namorada. Esse segredo é tão secreto que Bia ainda nem sabe. Um dia eu tomo coragem e conto tudo a ela.





QUANDO chegamos à escola tivemos uma surpresa engraçada na aula de Ciências. O professor Aderbal tinha conseguido, com um amigo do zoológico, algumas rãs raras do Nepal. Tudo o que eu sabia do Nepal até aquele dia era que lá, naquela terra distante, ficava a montanha mais alta do nosso planeta, o monte Everest.

O professor Aderbal disse que seu amigo estava tendo problemas com aqueles bichinhos que se multiplicavam de maneira muito rápida, infestando tudo e pulando como loucos. As rãs escapavam de seu viveiro e invadiam as jaulas de outros animais causando a maior correria. Estavam deixando o zoológico igual a escola de samba em dia de Carnaval!







NOSSA missão naquela manhã era investigar aqueles pequenos anfíbios e aprender como eles se desenvolviam. Já cheio de ideias e supercurioso, levantei a mão e perguntei ao professor se eu podia abrir a rã com o meu bisturi para ver como a criatura era por dentro.

Pra que fui fazer isso? Começou um berreiro na sala de aula, as meninas soltando gritinhos de nojo e o meu amigo Rafael ficando todo roxo. O Rafael, como eu já disse, é escoteiro, lobinho, e ligado em ecologia. Disse que não ia permitir uma maldade dessas contra as pobrezinhas.

Não entendi nada. Só porque eu tinha curiosidade, eu era mau? Todo mundo vivia dizendo para eu estudar e agora que eu tinha a chance de investigar a fundo, não queriam deixar?





A turma inteira começou a falar junto, e a aula virou a maior bagunça. Não sei se foi a Bia ou o Rafael, mas no meio da confusão alguém virou o aquário onde as rãs estavam e, num segundo, as danadas escaparam para todos os lados. Cara, foi muito engraçado ver todo mundo correndo para subir nas cadeiras e nas mesas, tentando se salvar das pegajosas. As meninas gritavam se agarrando aos meninos.



Mas o que podíamos fazer? A verdade é que a gente também estava morrendo de medo. Tinha rãzinha do Nepal em tudo que era canto. E como eram sinistras! Com suas ventosas poderosas subiam pelas paredes, pelos armários e pulavam para cima e para baixo aumentando o nosso desespero.

Eu, no meio da confusão, corri para perto da Bia para bancar o herói. Fiquei na frente dela espantando as pererecas usando minha régua como espada e meu caderno como escudo. O professor Aderbal tentava dar um jeito na bagunça, berrava para todo mundo ter calma, afinal de contas eram apenas rãs inofensivas!







POR que diabos o professor Aderbal pediu calma? Bem nessa hora uma dúzia daquelas rãzinhas saltaram para dentro de um pote com restos de experimentos científicos do professor. Para nossa surpresa, todas elas foram mudando rapidamente de cor. Ficaram com os olhos inchados, a pele manchada e na boca de cada uma delas começaram a brotar uns dentinhos bem fininhos.



Para aumentar o clima de filme de terror, as rãs pit-bulls começaram a saltar e a babar uma gosma laranja fazendo as meninas, que já estavam gritando, chorar de tanto medo.

Quando o professor se aproximou com um balde para tentar prendê-las, uma delas deu-lhe uma tremenda mordida, criando uma ferida vermelha na sua mão, que ficou superinchada.

Nessa hora percebi que as rãs ficaram distraídas com os gemidos do professor e gritei:

– Corram todos pra fora!

A turma inteira fugiu e, enquanto eu também me mandava, uma delas pulou em cima de mim, mordendo o meu cotovelo. Difícil foi alguém escapar sem nenhum arranhão. Era o bonde das pererecas mutantes!

O professor fechou depressa a porta para que nenhuma delas fugisse







QUEM tinha sido atacado pelas rãs correu para a enfermaria. Não era só eu naquela agonia, um monte de gente esperava ser atendida. Meu cotovelo, que já estava doendo, começou a arder quando a enfermeira passou álcool na mordida.

As rãs não deram mole. Cada um ali ou tinha tomado uma mordida ou uma lambida ou se lambuzado com a gosma laranja esquisita.

O pior foi o que aconteceu depois. As rãs escaparam pela janela e saíram pela cidade atacando quem encontrassem pela frente. O bonde das pererecas mutantes estava em ação!







VOLTANDO para casa no ônibus escolar, via que as rãs conseguiram se espalhar por toda a cidade. Bia segurou a minha mão e suspirou sentindo medo. Ela me disse que pressentia que alguma coisa ruim podia acontecer.

Ainda bancando o super-herói para a menina que eu achava a mais linda, falei para ela não se preocupar e nada temer. Os adultos iam dar um jeito naquele problema e pegar todas as rãs fugitivas.





QUANDO cheguei em casa não encontrei ninguém. Os móveis estavam todos revirados, como se um furacão tivesse passado por ali. Um furacão ou um bonde de rãs mutantes! Comecei a imaginar aquelas pererecas laranja pulando nos meus pais, soltando uma meleca gosmenta pela língua ou rosnando como se fossem cães de guarda.

Liguei a televisão e um repórter apareceu gritando, dizendo que a cidade estava dominada. Ele falava do acidente que tinha acontecido na minha escola, sobre como as rãs se transformaram depois de caírem nas substâncias químicas do professor Aderbal.

Senti muito medo. Eu precisava encontrar os meus pais. Pensei também na Bia e parecia que os pressentimentos da minha namorada tinham se confirmado. Meu coração ficou espremido.

Será que ela também tinha sumido? Quem ia ficar do meu lado?





BEM, o jeito era sair para a rua e fazer a minha própria investigação. Fui para o quarto e me arrumei, não é porque o mundo estava para acabar que eu não ia cuidar do visual. Quando acendi a luz, levei um baita susto. Não era possível! Olhando para a minha imagem no espelho, descobri que eu tinha virado **ZUMBI!**

Agora tudo fazia sentido! A cidade estava infestada de zumbis! E se meus pais também tivessem virado criaturas monstruosas? O que eu ia fazer? Tinha me transformado em um monstro e desse jeito a Bia nunca ia querer me ver. Eu precisava encontrar uma solução!

Ser zumbi era horrível! A minha pele estava verde e meus olhos arregalados. Meus dentes pareciam que iam cair da boca e rolar pelo chão. O pior era o cheiro, melhor dizendo, o fedor. Era uma mistura de bafo de cachorro velho com peixe estragado. Enfiei dois tufos de algodão no nariz para não ficar enjoado.

Será que zumbis podiam tomar banho? Logo eu iria descobrir, porque fedendo daquele jeito era melhor nem existir.





PARA me livrar daquela catinga o remédio era encher a banheira com xampu e também com o perfume favorito da mamãe que a deixa sempre muito cheirosa.



Mergulhei na água quentinha, veloz como uma bola de canhão, fazendo a espuma se esparramar para todo lado. Me deu uma saudade danada dos berros da minha mãe, me dizendo para ser um menino comportado. Esfreguei minhas costas de zumbi com a bucha e escovei os dentes com pasta de uva. Já que era para ser um monstro transformado, pelo menos eu ia ser um zumbi perfumado.

Enquanto eu me enxugava com a toalha gigante do papai, pensei até que o banho poderia ter me curado, porque não sentia mais aquele fedor sobrenatural no banheiro. Mas logo que esfreguei o vapor na frente do espelho percebi que ainda era zumbi.







UMA ideia me veio como um raio, eu precisava achar o professor Aderbal! Ele era o adulto mais inteligente que eu conhecia depois da mamãe e do papai. Certamente ele encontraria uma solução, inventaria um antídoto, uma poção que fizesse todo mundo voltar ao normal.

Onde será que ele estava? Eu sabia que à tarde o professor costumava ir à praia para caminhar no calçadão e comer um cachorro-quente na carrocinha que ficava ali perto. Fui me esgueirando pelas ruas e observando o terreno. Quem não era zumbi estava correndo e se escondendo.

Duas pessoas que cruzaram o meu caminho gritaram apavoradas, nem me deixaram explicar que eu não queria atacar nenhuma delas.

O vendedor de cachorro-quente passou por mim como um foguete. Atrás dele uma fila de zumbis corria a toda velocidade. Duvido muito que quisessem os cachorros-quentes recheados de salsichas. Do jeito que corriam com os olhos arregalados, eles estavam era atrás de uma boa porção de cérebro ensopado.





DENTRO das casas as pessoas se protegiam, pregando madeiras nas portas e janelas, ou se escondendo atrás dos móveis e de qualquer coisa grande que encontrassem. Não era para menos, a maioria dos que tinham se transformado andava com os braços erguidos e gemia atrás de cérebros fresquinhos. Ver tudo aquilo me deu uma dor profunda no peito. Mesmo que meu coração estivesse morto, eu ainda tinha sentimento. Tinha certeza que eu não queria me tornar um monstro daqueles. Só ainda não sabia quanto tempo demoraria até eu me transformar completamente.





PARA minha surpresa, vi o professor Aderbal do outro lado da rua. Corri contente para falar com ele, mas logo fiquei paralisado. O professor estava coberto pelas rãs verdinhas, que pulavam de um lado pro outro.

PERDI toda a esperança. Eu sabia que agora estava num mato sem cachorro. Meu professor também tinha se transformado em zumbi e eu não ia conseguir nenhum antídoto milagroso. O único cérebro que o professor tinha na cabeça era o que ele imaginava no seu prato para jantar.







CHEGUEI até o calçadão me arrastando, morrendo de tristeza. As ondas continuavam lá, batendo nas pedras e espantando as gaivotas. As árvores estavam no mesmo lugar, balançando com o vento. Na areia da praia eu vi os turistas transformados em zumbis, refrescando-se com picolés de miolos congelados e tomando água de coco. Do alto do seu posto, o salva-vidas observava o mar com seu binóculo.

Agora estava tudo invertido. Os tubarões é que fugiam da água com medo dos surfistas zumbis e seus dentes!





AINDA que eu parecesse uma daquelas criaturas sinistras, sabia que era apenas um menino e queria que tudo voltasse a ser como antes.

Caminhei até o morrinho onde a turma se juntava para brincar à tarde e sentei no balanço amarrado ao galho de uma frondosa árvore. Meu peito apertou quando percebi que o que mais me incomodava era aquela sensação de vazio. Eu estava com saudade de todo mundo, do papai e da mamãe, em especial.

Será que eles também se transformaram em zumbis, mordidos pelo bonde das rãs do Nepal? Seria terrível se minha família toda tivesse virado monstro. Mas e se eles não tivessem se transformado?! Eles teriam fugido da cidade junto com as pessoas normais, é claro! Só me restava torcer para que estivessem protegidos em algum lugar. Só não conseguia entender por que teriam me deixado para trás, sem nenhum bilhete, sem nenhuma explicação.





TALVEZ eles não quisessem um filho comedor de cérebros por perto e de agora em diante eu teria que me virar sozinho, fazer a lição de casa sem ajuda de ninguém, me virar para preparar o jantar, arrumar a mochila antes de ir para a escola. Não ia mais sentir o cheirinho gostoso da mamãe e nem o cafuné que ela muitas vezes fazia no final do dia. Não ia mais jogar bola com o papai e nem nadar na piscina do clube. De repente, eu me senti o menino zumbi mais solitário da face da Terra.

Fiquei lá sentado no balanço um tempão, calado, pensando, quando, de repente, ouvi um barulho do meu lado e percebi um par de olhos me encarando por detrás do arbusto.





SALTEI na mesma hora assustado, sentindo um calafrio percorrer minha espinha. Me escondi atrás do tronco da árvore e pensei: Pode ser que seja alguém, um ser humano que está ali, morrendo de medo de mim.

Fui me aproximando bem de mansinho, já avisando que não queria fazer mal algum. Afastei os galhos do arbusto e meus olhos se encheram de surpresa.

Era a Bia que estava ali! Nos abraçamos e começamos a falar ao mesmo tempo, os dois tentando contar primeiro toda a aventura que cada um tinha vivido até aquele instante. Ela, igualzinho a mim, tinha se tornado zumbi e também se sentia perdida e sozinha, sem conseguir encontrar ninguém de sua família.

Naquele momento senti que eu deveria revelar à Bia o meu segredo. Contar a ela que eu a achava a menina mais gatinha da escola e que, mesmo sendo agora menino-zumbi, eu queria que ela fosse minha namorada.







QUANDO abri a boca para começar a me declarar, ela virou a cabeça parando de me escutar. Algo tinha chamado sua atenção. Ouvimos uma porção de vozes e vimos um monte de gente perto do morro com tochas nas mãos. Parecia que nossa situação, que já estava bastante enrolada, ia ficar bem pior.

A temporada de caça aos zumbis tinha começado no nosso bairro e logo aqueles caçadores iriam nos encontrar. Peguei a mão da Bia e saímos correndo. Eu faria de tudo para nos salvar daquela multidão, afinal de contas ela era a menina-zumbi mais linda que eu conhecia. Talvez um dia eu ainda tomasse coragem para dizer o quanto eu gostava dela e que, para mim, ela já era minha namorada.

Por culpa da luz da lua cheia, os caçadores de zumbis nos viram entre os arbustos. Corremos mais rápido ainda e pulamos o muro da minha casa. Agora era eu que me escondia com medo dos humanos. A pobrezinha da Bia só chorava com medo das pessoas entrarem e não nos darem tempo de explicar que éramos zumbis do bem. Fiquei na frente da porta usando toda minha força, mas eles eram mais fortes e conseguiram arrombar a porta, me derrubando no chão.

Uma sombra assustadora surgiu diante dos meus olhos. Meu coração disparou.





DE repente, eu vi que estava deitado no meu quarto e a luz do sol entrava pela janela! A sombra parada em frente à minha cama me acordava, chamava para o café da manhã, pedia para eu não me atrasar para a escola.

Era a minha mãe, dando os berros mais gostosos que eu já ouvi.

Que alívio! Tinha sido tudo um grande pesadelo!

Pulei da cama e me olhei no espelho. Eu era o mesmo Pedro de sempre. Respirei aliviado, não porque tinha voltado a ser um menino. Estava feliz porque não tinha contado para Bia o meu maior segredo.

Imagina que mico se ela soubesse que eu não queria ser só um amigo?!





SÉRIE MEUS QUERIDOS MONSTRINHOS

Zumbi

Bruxa

Vampiro

Copyright © 2013 by André Vianco

Todos os direitos reservados.

Direitos desta edição reservados à EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar 20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br / www.rocco.com.br **ROCCO JOVENS LEITORES**

GERENTE EDITORIAL

Ana Martins Bergin SUBEDITOR

Pedro Afonso Vasquez EDITORES ASSISTENTES

Larissa Helena

Luiz Roberto Jannarelli

Manon Bourgeade (arte)

Viviane Maurey

ASSISTENTES

Gilvan Brito (arte)

Silvânia Rangel (produção gráfica) PREPARAÇÃO DE TEXTO

Elisa Menezes REVISÃO

Wendell Setubal **ROCCO DIGITAL**

COORDENAÇÃO DIGITAL

Lúcia Reis ASSISTENTE DE PRODUÇÃO DIGITAL

Joana De Conti

V668z

Vianco, André

Zumbi [recurso eletrônico] : o terrível ataque das rãs do Nepal / André Vianco ;
ilustração Santtos. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2013.

recurso digital : il. (Meus queridos monstros ; 1)

ISBN 978-85-8122-279-0 (recurso eletrônico)

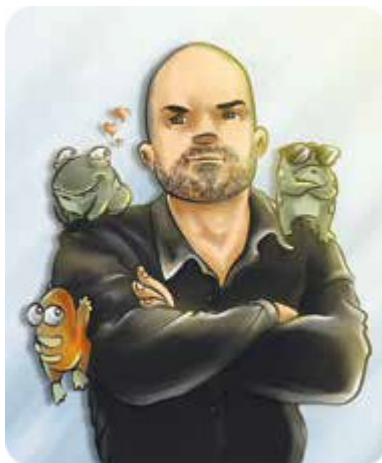
1. Literatura infantojuvenil brasileira. 2. Livros eletrônicos. I. Santtos (Ilustrador). II.
Título. III. Série.

13-04253

CDD: 028.5

CDU: 087.5

O AUTOR



André Vianco mora na cidade de Osasco, em São Paulo, e já publicou mais de uma dezena de livros que misturam fantasia, romance, mistério e terror, entre eles *O caso Laura*, editado pela Rocco. *Zumbi: O terrível ataque das rãs do Nepal* é o primeiro título da série “Meus queridos monstros” e marca a estreia de Vianco na literatura infantil.

O ILUSTRADOR



Santtos é um ilustrador extremamente versátil, capaz de operar nos mais diversos registros, passando do real ao fantástico com eficiência e talento. “Meus queridos monstros” marca o retorno de sua vitoriosa parceria com André Vianco, iniciada com a graphic novel “O turno da noite”.

